

## OLHOS NEGROS, UMA VIAGEM MUSICAL PELA CULTURA NEGRA



Foto de Adenor Gondim

"Olhos Negros nasceu bem antes de ser concebido! Há tempos a negritude me fascina, em especial através dos amigos especiais que comigo caminham desde sempre.

Esta admiração cresceu ainda mais no convívio com os amigos quilombolas do Mato do Tição, detentores de uma riqueza cultural belíssima, por ocasião do projeto de desenvolvimento sustentável "Mosaico Geraes".

Nestes caminhos, a vontade de cantar cresceu dentro de mim. Uma vontade de desenvolver amplamente minhas potencialidades.

Foi quando, em novembro de 2008, conheci Celinha Braga, cantora e professora de canto popular, que se encantou com minha voz, e convidou-me para produzirmos um show.

A bela canção composta por meu irmão, Ernesto Marques, foi a inspiração para definir a temática do show: um olhar sobre a cultura negra através da música brasileira.

Olhos Negros, portanto, é filho de vários pais e mães, fruto de várias mãos, carinhosas, dando o melhor de si, para criar esta linda viagem musical pela cultura dos negros afro descendentes.

Olhos Negros é a expressão do amor que nasceu em mim, amor por todas as cores, por todas as raças!

A todos, uma fantástica viagem!!!"

Alessandra Marques

## OLHOS NEGROS, UMA VIAGEM MUSICAL PELA CULTURA NEGRA



Alessandra Marques em Olhos Negros, Uma Viagem Musical pela Cultura Negra

Idealizado pela cantora mineira Alessandra Marques, uma nova voz lançada por Celinha Braga em outubro de 2009, o show "Olhos Negros" propõe lançar um olhar sobre a cultura negra através da música brasileira e tem como objetivo principal contribuir para a valorização e para a divulgação da cultura dos negros afro-descendentes, destacando Minas Gerais como palco da história dos negros no Brasil.

Minas é o segundo maior estado do Brasil em densidade populacional negra. Segundo dados do CEDEFES (Centro de Documentação Elóy Ferreira da Silva), centro de referência em pesquisa e registro de informações sobre a Cultura Negra, em Minas Gerais existem mais de 450 quilombos identificados. Dentre estes, o show "Olhos Negros" homenageia dois quilombos do Município de Jaboticatubas/MG, o "Quilombo Mato do Tição" e o "Quilombo do Açude". O show se propõe também a destacar a diversidade e a riqueza cultural das comunidades quilombolas; refletir sobre a importância de preservar e disseminar as tradições históricas e culturais dos negros afro-descendentes no Brasil; promover e difundir, através da música brasileira, o conhecimento e a valorização da cultura afro-descendente em Minas Gerais; comemorar o Dia Nacional da Consciência Negra como data marcante da história dos negros afro-descendentes no Brasil; destacar Zumbi e o Quilombo dos Palmares como símbolos da resistência do negro à escravidão e como modelos representativos da cultura afro-descendente a serem estudados nos dias atuais. Palmares que ainda é, até hoje, o maior modelo de organização político-social, econômico-financeiro da comunidade negra, é modelo de cooperativismo, de senso de comunidade, de união.

Olhos Negros é uma iniciativa de difusão da beleza da cultura negra em Minas e no Brasil! E por que não dizer, ao redor do mundo!

No repertório, 16 músicas que retratam lendas, manifestações culturais, ritmos e personagens marcantes da história dos negros no Brasil e que apresentam diversos gêneros da música brasileira, dentre elas o samba, surgido no Brasil, mas derivado de raízes africanas, e que em 2007 foi considerado um patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - como uma das principais

# OLHOS NEGROS, UMA VIAGEM MUSICAL PELA CULTURA NEGRA

manifestações da cultura popular brasileira. Neste gênero, destacam-se as canções de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro, riquíssimas em harmonia, ritmo, linguagens e expressões. A canção “Áfrico” fala dos diversos ritmos, instrumentos, danças e musicalidades de origem afro e demonstram a amplitude da influência negra na nossa música.

Destaque também para a música composta por Ernesto Marques, “Olhos Negros”, canção que deu nome e inspiração ao show. São ainda apresentadas canções como “Morro Velho”, “Nagô”, “Sá Rainha”, “Cinco Cantos de Moçambique” e “Alma não Tem Cor”. A cantora declama também poema “A Canção do Africano”, da coletânea “Os Escravos”, de Castro Alves.

Em todas as apresentações, será entregue aos presentes a “Carta de Alforria”, encarte contendo o resultado de uma minuciosa pesquisa realizada pela cantora com apoio da também cantora Dóris do Samba, em relação aos personagens, expressões e histórias de cada canção escolhida para compor o repertório.

**Alessandra Marques e os Olhos Negros**

Olhos Negros nasceu bem antes de ser concebido! Há tempos a negritude me fascina, em especial através dos amigos e pessoas que consigo convivo desde sempre.

Esta admiração cresce ainda mais no convívio com os amigos quilombolas do Mato do Tijão, detentores de uma riquíssima cultura belíssima, por ocasião do projeto de desenvolvimento sustentável “Monarca Citarista”.

Nesta caminhada, a vontade de cantar cresceu dentro de mim. Uma vontade de desenvolver amplamente minhas potencialidades. Resolvei, então, sair do banheiro e pegar um microfone.

Foi quando, em novembro de 2008, criei o meu primeiro show: Celinha Braga! Decidi adotar inicialmente o nome Celinha Braga, e não o início deste ano, convidando-me para preparar um show.

Ainda cantei composta por meu amado irmão, Ernesto Marques, foi a inspiração para definir a temática do show: “outro sobre a cultura negra através da música brasileira”.

Olhos Negros, portanto, é filho de vários pais e mães, fruto de várias mãos, carinhosas, dando o melhor de si, para criar esta linda viagem musical pela cultura dos negros afro-descendentes.

Olhos Negros é a expressão do amor que nasceu em mim, amor por todas as cores, por todas as raças!

Avô(s), uma fantasia/canção/viagem!!!

**Áfrico**

Composição de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro

As canções de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro são riquíssimas em harmonia, ritmo, linguagens e expressões. A canção “Áfrico” fala dos diversos ritmos, instrumentos, danças e musicalidades de origem afro e demonstram a amplitude da influência negra na nossa música.

Tambores-de-Mina – ritual e cerimônia afro-brasileira, com dança marcada por tambores e cantos, dos negros minas, originários da antiga Costa do Ouro.

Bomboneiros-boi – balada popular cômico-dramática, organizada em cortejo, com personagens humanos (Pat Francisco, Mateus, Bastião, Arlequim, Catarina, Capitão Boca-Mole, etc), animais (o boi, a Ema, a Coira, o Cavalão-Marinha, etc) e fantasmas (a Capataz, o Diabo, a Maria-Carregando-o-Vivo, o Babão, o Jaraguá, etc) cujas peripécias giram em torno da morte e ressurreição do boi.

Boi-bumbá – bumba-meu-boi.

Boiú – jogo de cultura umbanda, vinda, com o tráfico, para o Brasil, sobretudo para a Bahia.

Capoeira – jogo atlético, construído por um sistema de ataque e defesa, de caráter individual e origem folclórica genuinamente brasileira, surgida entre os escravos brasileiros procedentes de Angola no Brasil colonial, e que, apesar de intencionalmente perseguido até as primeiras décadas do séc. XX, sobreviveu à repressão e hoje se amplia e se institucionaliza como prática desportiva regulamentada.

Miracatu – cortejo carnavalesco que balla ao som de instrumentos de percussão, acompanhado uma mulher que na extremidade de um bastão conduz uma bonequinha ricamente enfeitada, a calunga, música popular inspirada nesta dança.

Maculelê – misto de jogo e dança de bastões, de Santo Amaro, remanescente dos antigos cumbombos.

Cacumbá – estilo de dança dos negros, variadas de palés e penós, figurando um cortejo para a celebração do rio da paladeira, e no curso do qual se representa a morte e a ressurreição do filho do chefe.

Micere-pai – dança-polo, dança de roda em que cada brincante balé firmadamente o seu bastão, uma vez contra o brincante que lhe fica à esquerda e outra vez contra o do que lhe fica à direita.

Cico – dança popular de roda, originária de Alagoas, e acompanhada de canto e percussão: pague, zambê, zambê.

Crumbê – grande tambor de origem africana, usado no dance do mesmo nome, no balado moçambique e no jogo: variedade de samba, dançado ao som desses tambores e outros.

Bangalê – dança negra ao som da caixa, com palmas, sapateadas e cantigas ocultas.

Catereê – dança rural, em fileiras opostas e cantada, e cujo nome indica a origem tipi, mas que coreograficamente se mostra muito influenciada pelos processos africanos de dançar, entre.

Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa 2ª Edição

**Alma não Tem Cor**

Composição de André Alajáquina

Simplex, divertida e diz muito em poucas palavras!

**Canto das Três Raças**

Composição de Mano Duarte e Paulo César Pinheiro

“A escravidão só acabou no Brasil em 1888. Alá, e no nosso país foi o último a acabar com a escravidão. Desde a invasão portuguesa até a assinatura da Lei Áurea em 1888, passaram-se cerca de 300 anos!”

Mas os negros não se acomodaram à escravidão. Eles se rebelaram através de movimentos como o de Palmares e outros quilombos, povoações encobertas nas matas, formadas pelos escravos fugitivos.

Os quilombos eram um símbolo da resistência dos negros à escravidão. Têm eles, o mais importante foi o de Palmares. Ele surgiu no Estado de Pernambuco e seus habitantes, os quilombolas, tinham organização política e social. A propriedade era coletiva e eles viviam livres, além de ter grande força guerreira. Por isso, eles aterrorizavam a sociedade escravista. Sendo assim, foram que ser destruídos.

Fonte: Revista Toimiroiro apresenta Zambê e Dia da Consciência Negra da Editora LAKE – Livraria Allan Kardec Editora.

“O quilombo de Palmares durou cerca de 100 anos... Os brancos organizaram porão de 40 expedições contra Palmares... Muitos brancos que ficavam as expedições estavam interessados nas terras de Palmares, que eram muito boas para plantar e criar gado”.

Fonte: Cartilha do CEDENPA Raça Negra: A Luta pela Liberdade.

“Nesses quilombos havia negros e negras em sua grande maioria, mas havia também índios, brancos e até mesmo soldados portugueses, todos vivendo na luta pela liberdade em combate diuturno contra o regime de escravidão... A nação Palmarina começou a ser formada a partir de 1597, segundo afirma alguns historiadores e o seu território, em permanente crescimento com a vinda de negros fugidos da colônia, estendeu-se pelos Estados de Alagoas e Pernambuco, chegando a ter cerca de 30 mil habitantes no auge de sua existência, com Zumbi à frente de seu comando, de esperança e de luta pela liberdade... Palmares representava uma autêntica República Negra com a sua organização militar, de trabalho e de produção; a trabalhadores livres e a agricultor que incluiu o plantio de mandioca, cana-de-açúcar e a criação de gado era cultiva para suprir as necessidades internas, sendo que o excedente era trocado por sal, pólvora e armas de fogo.”

Fonte: Quem é Quem na Negritude Brasileira, Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAIB), escrita e organizado por Prof. Eudardo de Oliveira.

**Congada**

Composição de Romildo e Tominho Nascimento

Congada – dança dramática afro-brasileira; recuento de congos; congado; folclore e ritual da tradição afro-brasileira, disseminada por várias regiões. Ligado aos festejos religiosos de criação dos “reis da Conga”, mas voltando, no seu núcleo, elementos de origem europeia. Também conhecido sob os nomes de congado, congo, bailes de congo, etc., seu motivo básico é a evocação de lutas entre grupos hostis mediante a dramatização de embargos de guerra e paz. Entretanto, em alguns locais o folclore apresenta apenas danças e cantorias, ao som de instrumentos de percussão. O toque religioso é dado pelo compromisso da homenagem a santos católicos, como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Helena, Nossa Senhora Aparecida, e o Divino Espírito Santo.

Fonte: Novo Dicionário Bantu do Brasil de Nei Lopes e Dicionário Escolar Afro-Brasileiro de Nei Lopes

**Morro Velho**

Composição de Milton Nascimento

Esta canção fala por si só.

**Olhos Negros**

Composição de Ernesto Marques

“A música foi inspirada no convívio com os negros do Quilombo do Mato do Tijão, em Jabotinais-BA - MG. Observando meu narrativo, sua saliente e lírica, Olhos Negros nasceu da emoção. Aconteceu, assim, uma homenagem à longa e bela resistência de nossos irmãos negros.”

Ernesto Marques

Ernesto Marques, mineiro de Belo Horizonte, é o autor de Olhos Negros, canção tema deste show. A história do Barão de Anand, contada por Tio Jair, do Mato do Tijão, chamou-nos a atenção pelo modo peculiar deste contador de histórias que já se fez.

“A principal história relacionada ao candumbê... conta que os batucados dos escravos aconteciam sempre no início da noite, depois do trabalho na lavoura. Os negros da fazenda... reuniam-se para dançar ao som dos tambores, mesmo sabendo que não era do agrado dos senhores brancos.”

Certo dia, irritado com a algazarra vinda da senzala, o senhor ordenou ao capataz que acabasse com a festa, queimando os tambores. Mas a fumaça criada pelos tambores penetrou casa-grande adentro, perseguido o dono da fazenda durante horas. Quase sufocado, ele imaginou tratar-se de uma maldição colocada pelos negros. Assustado, mandou que os escravos construíssem novos tambores, por acreditar que só dessa maneira o feitiço seria anulado. Assim foi feito e a maldição se desvaneceu.

Ospedidos teria acontecido já ao final do século XIX, pouco antes do fim da escravidão no Brasil.”

Fonte: Revista Raiz, por Afonso Capelas Jr.

**Tali-há-tali-Bê**

Composição de Domínio Público – Fonte Família Alcaideira

Canção do Africano é poema da coletânea “Os Escravos” de Castro Alves.

**Lajedo Negro**

Composição de Sérgio Moraes

O negro faz parte da nossa história, da nossa vida e cada um tem um pedacinho de negro em si, tem um pedacinho desta história, no corpo, no pelo, no cabelo, na boca, nos olhos, nos dentes, nas batatas, na forma de se expressar, nos cantos, nas crianças, nas palavras, na comida, na família, na cultura, na história, no pai, no avô... Ao ouvir Lajedo Negro senti que era representado a alma negra que corre em minhas veias.

**O Mestre Sala dos Mares**

(João Bosco e Aldir Blanc)

(Verso original sem censura)

Há muito tempo nas águas da Guanabara  
O dragão do mar empurrou  
Na figura de um bravo marujinho  
A quem a história não esqueceu  
Combuido como o gigante negro  
Tinha a dignidade de um mestre sala  
E ao naufragar pelo mar com sacibidos de flagelos  
Foi sandado no porto pelas moças brancas  
Jovens polacas e por batibolas de emilinas  
Rubras caçotas jorravam das costas  
dos negros pela ponta das chibetas  
fundando o corcovo de pedra medido  
Que a exemplo do marujinho girava então  
Glória no pirata, as mulatas, as serenas  
Glória a florão, a cachaca, as baletas  
Glória a toda a lina inglesa  
Que atrá de nossa história  
Não esqueceremos jamais  
Salvo o gigante negro  
Que tem por monumento  
As pedras piradas do cas  
Mas faz muito tempo

Fonte: Prof. Patrícia Felício, mestre em Letras na USP, graduada em História pela UNESP e Filosofia pela USP.  
http://www.cetep.br/oda/oda/poetria/

**Nagô**

Composição de Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro

Agô – permissão que os orixás pedem por intermédio da iniciada para dançar e cantar no terreiro. Licença.

Batida – instrumento para debulhar o milho; campo onde o gado pascia constantemente e que é, por isso, de fartagens escassas.

Jambô – diácono.

Caraguá – herança de obrigação religiosa de outra pessoa; nos sacerdotes religiosos afro-brasileiros, qualquer obrigação religiosa.

Quadrante – perda a coragem, a energia; resultado místico que, segundo a superstição popular, o mau-olhado de outras pessoas produz em outros.

Elê – despacho, oferta de macumba.

Babalú – no culto umbanda, o sacerdote dedicado à Ilê, deus da divinização.

Bambêlé – variedade de dança.

Mancoba – vinda ao trabalho, fugir e compromissos.

Copreça – que copreça, ou mosqueira; covão, manganço, copengue, penço ou penço, porreque.

Mirindes – do mirindes (cachaca, beber cachaca).

Aranga – discurso prolixo e enladornado, aranzel, lengalenga.

Agigalá – brincadeira antiga, jogo de argolas.

Gombô – gambô, umbú, licho-bóia, licho-de-covada, caramaj, pilho-de-coira, surpeço.

Carufe – moleque travesso e lerdo.

## Carta de Alforria

## RELEASE ALESSANDRA MARQUES E OLHOS NEGROS

## OLHOS NEGROS, UMA VIAGEM MUSICAL PELA CULTURA NEGRA

E para enriquecer ainda mais o espetáculo, a cantora convidou os amigos do Quilombo do Mato do Tição para acompanhá-la na percussão. Os percussionistas Nego Ge, Lei, Dó e Evandro trazem para o palco o seu modo peculiar de tocar tambor, cultivado nas diversas manifestações culturais que fazem parte da sua história, como as folias, congadas e candombe. Dentre os instrumentos mais característicos tocados pelos percussionistas estão o guaiá, uma espécie de caxixi, fabricado pelos próprios músicos, e o tambu, constituído de três tambores moldados em madeira e couro pelos escravos. O tambu é fabricado no próprio quilombo por João Marculino, um dos moradores do Mato do Tição.



Lei, Gê, Dó, Alessandra e Evandro dançam e cantam o candombe ao som dos tambus

## OLHOS NEGROS, UMA VIAGEM MUSICAL PELA CULTURA NEGRA

O show conta com as participações especiais de Celinha Braga e Stéfanni Lanza. Dodô Rodrigues acompanha a cantora no violão.



Celinha Braga e Stéfanni Lanza



Dodô Rodrigues

## OLHOS NEGROS, UMA VIAGEM MUSICAL PELA CULTURA NEGRA

A produção é de Celinha Braga, figurino de Júlia Braga e Eduardo Macedo, cenário e fotografia de Ernesto Marques.

No último dia 20 de novembro de 2009, Olhos Negros foi apresentado, em sua segunda edição, como evento comemorativo do Dia Nacional da Consciência Negra, na Celinha Braga Oficina de Música, espaço cultural alternativo da capital mineira, que já recebeu show de artistas como Vander Lee, Wilson Sideral, Rubinho do Vale, Regina Souza, Lúdica Música e Marina Machado.

**Celinha Braga**  
oficina de música  
apresenta

**ALESSANDRA  
MARQUES**

**OLHOS NEGROS**  
UMA VIAGEM MUSICAL PELA CULTURA NEGRA

**20/11**  
**22h**

Av Alfredo Camarate, 279  
Pampulha  
Informações: 3441-3465

Graduada em Ciências Contábeis pela UFMG e pós-graduada em Gerência de Projetos pela FGV, Alessandra Marques atuou por vários anos nas áreas financeira e de gestão de tecnologia da informação.

Decidida a aplicar na vida pessoal os conhecimentos adquiridos em gestão, acabou por iniciar um caminho de transformação pessoal e profissional, migrando gradativamente da área técnica e de administração para as áreas social, artística e cultural.

Idealizou e gerenciou, então, o projeto Mosaico Geraes, que inicialmente se propôs ao desenvolvimento sustentável de comunidades, sendo aplicado no Quilombo do Mato do Tição, em Jaboticatubas/MG. Porém, o Mosaico Geraes acabou por se transformar em seu projeto de vida.

Foi quando idealizou o show Olhos Negros, que propõe uma viagem musical pela cultura negra, e se lançou como cantora.

Em paralelo, ingressou no meio da produção e da expressão artística e cultural, participando de trabalhos relacionados à dança, fotografia, percussão, expressão corporal e vocal, entre outros.

Como fruto de uma vivência pessoal, realiza imersões criativas em gestão de projetos, que buscam mesclar criatividade, arte e gestão para o desenvolvimento do

## OLHOS NEGROS, UMA VIAGEM MUSICAL PELA CULTURA NEGRA

potencial humano como forte instrumento de transformação e de concretização dos nossos sonhos.

É membro da Rede de Articuladores de Cultura de Minas Gerais, criada pela Superintendência de Interiorização da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.

Informações e contatos:

Telefones: (31) 9613.4672 ou (31) 9614.1938

e.mail: [alessandra.marques@mosaicogeraes.com.br](mailto:alessandra.marques@mosaicogeraes.com.br)

Site 1: [www.olhosnegros.jimdo.com](http://www.olhosnegros.jimdo.com)

Veja também:

Site 2: [www.projetosdevida.jimdo.com](http://www.projetosdevida.jimdo.com)

Twitter: [twitter.com/alessandrasmar](https://twitter.com/alessandrasmar)

Site 3: [www.mosaicogeraes.com.br](http://www.mosaicogeraes.com.br)

Apoio:



**UM PROJETO REAL  
NAS TRILHAS DE MINAS**

[www.mosaicogeraes.com.br](http://www.mosaicogeraes.com.br)

RELEASE ALESSANDRA MARQUES E OLHOS NEGROS